

Tramas da Rede

**Conselho Editorial
da Coleção Ciberultura**

Adriana Amaral
André Lemos
Alex Primo
Clóvis Barros Filho
Denize Araújo
Erick Felinto
Fernanda Bruno
Francisco Menezes
Juremir Machado da Silva
Luis Gomes
Paula Sibilía
Raquel Recuero
Simone Pereira de Sá
Vinicius Andrade Pereira

Tramas da Rede

Novas dimensões filosóficas, estéticas
e políticas da comunicação

Org. André Parente



Editora Sulina

© dos Autores, 2004

(Os copyrights dos textos pertencem a seus autores e foram cedidos para esta publicação em português ao Núcleo de Tecnologia da Imagem da Escola de Comunicação da UFRJ, coordenado pelo Professor André Parente)

Capa: Tira Linhas Studio

Conceito da Capa: André Parente, baseado na imagem da artista Genes Denes “Snail People – The Vortex”, 1989

Projeto Gráfico e Editoração: FOSFOROGRÁFICO / Clotilde Sbardelotto

Arte final da capa e recuperação de fotografias: Vitor Hugo Turuga

Revisão técnica e organização do texto: André Parente

Revisão: Mariane Farias

Editor: Luis Gomes

2ª reimpressão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

T 771 Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação / organizador André Parente. – Porto Alegre: Sulina, 2013.
303p.

ISBN: 978-85-205-0373-7

1. Ciências Sociais. 2. Sociologia da Técnica. 3. Meios de Informação.
4. Comunicação no Ciberespaço. 5. Filosofia da Internet. I. Parente, André.

CDD: 070.1

300

303.4834

306.4

CDU: 101.004.738.5

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj 101.

Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (51) 3311 4082 - Fax: (51) 3264 4194

www.editorasulina.com.br

sulina@editorasulina.com.br

MAIO / 2013

IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL

Para Lucas,
Júlio,
João Paulo
e Vinícius

Sumário

Prefácio - 9

PARTE 1: A FILOSOFIA DA REDE - 15

- A filosofia da rede - 17
Pierre Musso
- Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções - 39
Bruno Latour com a colaboração de Èmilie Hermandt
- Por uma nova abordagem da ciência, da inovação e do mercado. O papel das redes sociotécnicas - 64
Michel Callon
- A rede: uma figura empírica da ontologia do presente - 80
Virgínia Kastrup
- Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade - 91
André Parente

PARTE 2: A REDE COMO NOVA DIMENSÃO DA COMUNICAÇÃO - 111

- Paradoxos da teleinformática - 113
Jean-Louis Weissberg
- A revolução comutativa - 142
Marc Guillaume
- A produção biopolítica - 161
Michael Hardt e Antonio Negri
- O ciberespaço e a economia da atenção - 174
Pierre Lévy
- Esperança e excesso - 189
Paulo Vaz
- Democracia, multidão e guerra no ciberespaço - 209
Henrique Antoun

PARTE 3: ESTÉTICA DA REDE - 239

- *Homo telematicus* no jardim da vida artificial - 241
Roy Ascott
- Por uma estética das redes - 248
Mario Costa
- Espaços híbridos: A arte da comunicação
de Eduardo Kac - 255
Kátia Maciel e Nina Velasco e Cruz
- Utilizações artísticas de imagens
em direto na *world wide web* - 265
Luisa Paraguai Donati e Gilbertto Prado
- Arte e tecnologias móveis:
hibridizando espaços públicos - 282
Adriana de Souza e Silva

Notas sobre os autores - 298

PREFÁCIO

A noção de rede vem despertando um tal interesse nos trabalhos teóricos e práticos de campos tão diversos como a ciência, a tecnologia e a arte, que temos a impressão de estar diante de um novo paradigma, ligado, sem dúvida, a um pensamento das relações em oposição a um pensamento das essências.

Procuramos reunir neste livro artigos que têm como principal objetivo fazer compreender a um público amplo e transdisciplinar que, se quisermos entender o mundo em que vivemos, qualquer que seja o domínio considerado, devemos pensar sobre a noção de rede. Mas, se elegemos a figura da rede como principal metáfora para entendermos as transformações em curso, não podemos entender sua importância e extensão se a reduzimos ao fato histórico da emergência das novas tecnologias de comunicação e do ciberespaço.

Muito embora os textos aqui apresentados, escritos por especialistas de áreas tão distintas quanto a filosofia, as ciências humanas e exatas, a arte e a tecnologia, nos ofereçam distintos interesses e abordagens sobre as questões das redes, eles compartilham algo em comum: a rede se tornou uma dimensão, indissociavelmente ontológica e prática, de modelização do mundo e da subjetividade. O pensamento das redes está associado a pelo menos três temáticas gerais, cada uma delas constituindo uma parte do livro: *a filosofia da rede*, *a rede como nova dimensão da comunicação* e *a estética da rede*.

Na primeira parte, *A filosofia da rede*, são discutidas as implicações epistemológicas, filosóficas e cognitivas dos conceitos de rede. Em um artigo que nada mais é do que um resumo de seu livro *Telecomunicação e a filosofia das redes* (1997), Pierre Musso nos faz uma história social e crítica da noção de rede. Em sua análise, ele restabelece o legado de Claude Henri de Saint-Simon, que renova a leitura do social a partir do conceito de organismo-rede na segunda metade do século XIX. Bruno Latour e Michel Callon são filósofos que, ao mesmo tempo, deram continuidade e renovaram a epistemologia

francesa dos anos 60, ao recusarem a separação estanque entre as atividades científicas e as outras práticas do conhecimento. Para eles, a figura da rede é, não apenas uma forma de contrapor ao modelo do difusionismo o modelo da tradução, mas, sobretudo, uma forma de superação da distinção entre a objetividade científica e o interesse social. Os textos de Latour e Callon discutem a importância e a dinâmica das redes na constituição da ciência, do mercado e da inovação. Para eles, uma determinada ideia, conceito, procedimento e dispositivo técnico-científico não será aceita se não mobilizar uma rede socio-técnica cujos elementos são heterogêneos e envolve necessariamente atores humanos e não humanos. Virgínia Kastrup discute o conceito de rizoma em Gilles Deleuze e o conceito de rede em Bruno Latour – que é como que a versão empírica e atualizada do rizoma –, conceitos que nos permitem superar os modelos de representação nos estudos cognitivos e apontam para a dimensão criadora ou *poética* da cognição, o que cria novas condições para reavaliar o estatuto do si mesmo que resulta da atividade de conhecimento-criação da realidade.

Na segunda parte, *A rede como nova dimensão da comunicação*, reunimos contribuições que deixam claro que a comunicação, através da rede, se tornou uma dimensão fundamental para a constituição do espaço e do tempo, bem como do novo sistema de produção e reprodução do capital. Em seu brilhante artigo, *Paradoxos da teleinformática*, Jean-Louis Weissberg analisa a incidência cultural da teleinformática. Para ele, não apenas as visões estabelecidas são simplificadoras – catástrofe do tempo real, ou, ao contrário, supremacia do saber como fundamento das relações sociais –, bem como não há incidências culturais unilaterais e globais observáveis desde o momento que examinamos os extratos do trabalho da telepresença. Pelo contrário, a telepresença produz tensões antagônicas que coexistem: desterritorialização e ancoragens locais, tempo diferido e tempo real, sequencialidade e hipertextualidade, aceleração e desaceleração. Marc Guillaume mostra que a noção de *comutação* está na base de dispositivos tão diversos como o hipertexto, a informática difusa, a internet, a empresa virtual e o hipercomércio. Por esta razão, se queremos controlar as forças *comutativas*, que se multiplicam no mundo onde tudo, incluindo os nossos gens, está sendo digitalizado,

devemos compreender suas estratégias e movimentos. Para Antonio Negri e Michael Hardt a *produção biopolítica* é a nova dimensão produtiva do “império”. Para eles, a biopolítica deixa de ser prioritariamente a perspectiva do poder, tendo por objeto passivo o corpo da população e suas condições de reprodução, um poder que se exerce sobre a vida, e passa a ser uma potência, espinosiana de vida, que resiste aos poderes estabelecidos e se transforma no poder de afetar e ser afetado. Com a biopolítica, a vida ao mesmo tempo se dissemina e se hibridiza, se moleculariza e se descola das dicotomias paralisantes – biológico/mecânico, individual/coletivo, humano/inumano – para ganhar uma dimensão ampliada (*Bios*). Já Pierre Lévy mostra que a noção de sociedade da informação e de economia da informação não dão conta, senão de forma muito superficial, das transformações em curso. É preciso exprimir a realidade contemporânea de outra forma: a riqueza procede das ideias em um meio favorável à multiplicação das ideias. É por esta razão que, segundo ele, a inteligência coletiva, a economia da atenção e a sociabilidade virtual são, ao mesmo tempo, o futuro e o ponto de passagem da produção de riqueza. Para Paulo Vaz, em um texto que já se tornou um clássico entre nós, durante a sua fase inicial, a internet suscitou múltiplas esperanças. Não se via que o desenvolvimento da rede provocaria um “dilúvio” de informações. Este descompasso entre o sonho e o esquecimento, pode ser explicado se compreendermos os conceitos que ordenam a experiência do espaço na cultura ocidental. Neles, as esperanças resultam da tendência a se pensar a rede a partir de questões geradas por uma espacialidade de determinação, formada pelo meio e pela cultura. A limitação da promessa é o excesso, sua ambiguidade é a invasão do cotidiano pela eficácia técnica. O texto de Henrique Antoun trata da emergência da guerra em rede nas comunidades virtuais da cibercultura. Contrapondo-se à guerra da informação empreendida pelos Estados através das mídias de massa, o movimento de luta e reivindicação zapatista é a convergência de diferentes redes (grupos de ONGs, grupos de *hackers*, grupos indígenas, grupos de guerrilha) que formam uma comunidade virtual capaz de fazer a dicotomia política entre as forças etno-religiosas regionais e as forças corporativas globais desaparecerem em seu interior. O amplo uso das redes tecno-

lógicas serve para permitir a articulação de redes de colaboração e luta através do ciberespaço, transformando assim o sentido da democracia e da política na contemporaneidade.

Na terceira parte, *Estética da rede*, dispomos de uma série de textos que analisam as transformações das condições da nossa experiência do espaço e do tempo das redes telemáticas. Roy Ascott, um dos pioneiros da arte telemática, introduz em seu artigo *Homo telematicus* a belíssima noção de *telenoia* para exprimir a ideia de uma conectividade generalizada: “consciência em rede”, “lucidez interativa”, “pensamento à distância”, “espírito em geral” (Gregory Bateson). Em *Estética da rede*, Mario Costa afirma a vocação estética das novas tecnologias: viabilizar uma problematização radical do campo “artístico” e a definição de um novo campo estético que pode ser designado como sublime tecnológico. Segundo ele, noções como “obra”, “sujeito”, “criatividade”, “expressividade”, “estilo”, já tornadas fortemente problemáticas pelo advento da fotografia, resultam de todo improváveis, inconsistentes e, sobretudo, desnecessárias com as novas tecnologias da imagem. Kátia Maciel e Nina Velasco e Cruz analisam o conceito de espaços híbridos, característico da arte contemporânea, na obra do artista brasileiro Eduardo Kac. Kac constrói ao longo de sua obra uma espécie de *Telemática tropical* onde procura reconduzir os fluxos da vida como elementos da arte. Plantas, animais, fax, computadores, genes são matéria para a hibridização de circuitos de vida como dados da rede. Com este gesto, o artista dispensa tanto o objeto como o espaço original gerado por este e cria espaços múltiplos e híbridos para a comunicação e para a arte. A proposta de Gilberto Prado e Luisa Paraguai Donati é fazer um breve relato de espaços artísticos concebidos especificamente para a *web*, apresentados em três situações distintas, que propõem transformações nas possibilidades de participação, interferência e expressão dos participantes. Dentre as diversas interfaces disponíveis na *web*, os autores privilegiam a utilização de câmeras de vídeo que transmitem imagens em tempo real, uma vez que introduzem novas possibilidades de criação, aprendizagem e experimentação artística. Em *Arte e tecnologias móveis*, Adriana Souza e Silva trata do papel da arte midiática na configuração de espaços híbridos, transformando

os espaços (impessoais de circulação) em lugares (públicos e vívidos de comunicação). Em especial, são analisados projetos artísticos que utilizam tecnologias móveis de comunicação, como os telefones celulares.

Para terminar, notamos que este livro é fruto do esforço e da dedicação de muitas pessoas, pesquisadores, professores, alunos, e, em particular, os meus colegas do Núcleo de Tecnologia da Imagem da UFRJ.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos autores dos textos, que cederam seus direitos de forma gentil e desinteressada: Adriana Souza e Silva, Antonio Negri, Bruno Latour, Gilberto Prado, Henrique Antoun, Jean-Louis Weissberg, Kátia Maciel, Luisa Paraguai Donati, Marc Guillaume, Mario Costa, Michael Hardt, Michel Callon, Nina Velasco e Cruz, Paulo Vaz, Pierre Lévy, Pierre Musso, Roy Ascott e Virgínia Kastrup.

Gostaria de agradecer ainda a Marina Boechat, Aline Couri e Júlio Parente por terem ajudado na pesquisa que levou à definição da capa do livro, Agnes Denes, por nos autorizar a utilização da sua obra *Snail People – The Vortex* (1989) na capa, e Márcia Cabral e Heitor Furtado do Tira Linhas Studio pelo belíssimo *design* final da capa.

Um agradecimento especial vai para os alunos bolsistas do PIBIC (UFRJ-CNPq), Camila Medina, Liliane Thomaz Mafort e Daniel Tavares, que digitaram e traduziram vários textos sob a minha revisão.

Finalmente, gostaria de afirmar que sem o suporte do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a realização deste tipo de pesquisa e publicação não seria possível.

André Parente